

ESPÍRITOS DA ÁGUA: NOSSA SENHORA DA GUIA, CUIABÁ-MT

*Martha Johanna Haug**

RESUMO

O artigo é parte de pesquisa efetuada em escola municipal de Nossa Senhora da Guia, distrito de Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso. Os dados foram coletados entre professores, funcionários e alunos e referem-se, no presente caso, a seres sobrenaturais que, na concepção dos agentes da pesquisa, habitam as águas do lugar.

PALAVRAS-CHAVE

espíritos da água, ambiente, educação

ABSTRACT

The article is part of research developed in the elementary school of the Nossa Senhora da Guia, district of Cuiabá, Mato Grosso State. The data were collected between teachers, employees and students and they refer, in the present case, to water spirits which, in the stakeholder's conception, inhabit the waters of the place.

KEYWORDS

water spirits, enviroment, education

* Doutora em Comunicação – ECA/Universidade de São Paulo, USP. Professora da Universidade de Cuiabá – UNIC.

Introdução

Este artigo é parte de resultado de pesquisa efetuada no distrito de Nossa Senhora da Guia, patrocinada pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de Mato Grosso, Fapemat e pela Universidade de Cuiabá, UNIC.

Esta investigação teve como objetivo levantar e estudar alguns seres fabulosos que fazem ou fizeram parte do cotidiano de alunos, professores e funcionários da Escola Municipal Rural de Educação Básica “Professora Benedita Xavier Rodrigues”, no sentido de verificar a sua permanência, transformações e/ou negação, na relação estabelecida com a cultura escolar¹.

O lugar, Nossa Senhora da Guia, foi escolhido por tratar-se de uma comunidade tradicional em processo de urbanização, ainda com perfil de uma sociedade rural e próxima, 30 quilômetros por estrada asfaltada, de Cuiabá, a capital de Mato Grosso e da qual é distrito.

Sua história remonta ao período da mineração, século XVIII, quando alguns mineradores fugindo da escassez de mantimento e dos altos impostos em Cuiabá, buscaram a sobrevivência à montante do rio Cuiabá². Ali eles encontraram, junto ao rio Coxipó-Açu, algumas pepitas de ouro. Como consequência desse achado, formou-se, no lugar, um pequeno povoado, denominado de Nossa Senhora da Guia, ou simplesmente Guia, como é mais conhecido.

O lugar é banhado por águas de ribeirões, córregos e rios e pertence à região denominada de Rio Acima, porque está loca-

1 Colaboraram na coleta dos dados as professoras Suzana de Almeida Camargo e M.Sc. Leilla Borges de Lacerda, da UNIC. A Dra. Lucia Helena Vendrusculo Possari, da UNIC e UFMT, com textos sobre semiótica da cultura e inseridos no relatório final da pesquisa. A professora M.Sc. Maria Benício Rodrigues, da UFMT, colaborou, na fase inicial, de elaboração do projeto.

2 O rio Cuiabá foi caminho dos bandeirantes paulistas que vinham ao Centro-Oeste brasileiro em busca de índios para escravizar e que culminou com o encontro de ouro na região. A partir daí ele passou a ser a principal via de entrada de muitos aventureiros esperançosos de enriquecimento e de saída da maior parte do ouro encontrado. A história conta que o primeiro a subir esse rio foi o paulista Antonio Pires de Campos que, segundo Saint Hilaire, foi “o mais terrível dos exterminadores de índios”. Isso ocorreu no ano de 1718. SAINT-HILAIRE, Auguste de. 1921, p. 77.

lizada à montante do rio Cuiabá.

A zona urbana encontra-se às margens do rio Coxipó-Açu, próximo à sua jusante, no rio Cuiabá e, contígua a uma curva do rio, há uma ponte de ferro construída no início do século XX³.

O trecho do rio que margeia o lugar tem, para a comunidade, uma grande importância, pois é nele que grande parte dos adultos busca a sobrevivência, suas e das famílias, e as crianças aprendem uma atividade prática.

É nesse espaço, junto às águas do rio, lugar significativo para os habitantes da Guia que, no desenvolvimento de suas atividades práticas, eles vão construindo a sua visão de mundo, ou seja, estabelecendo de forma mais ou menos sistemática a sua compreensão do meio ambiente⁴.

Nas águas que banham o lugar não só vivem os peixes, elas são também a moradia de alguns seres extraordinários, os *espíritos* da água.

*Espíritos da Água*⁵

Se cada um conhecer bem a herança tradicional do seu povo, é certo que se admirará com a semelhança que encontra, confrontando-a com a dos outros povos.

Cecília Meireles.

A simbologia da água, nas antigas culturas, acha-se ligada à fecundidade.

3 Essa ponte foi construída em 1907, com o auxílio da engenharia inglesa, para o escoamento, via terrestre, da borracha vinda do norte do Estado.

4 TUAN, Yu-Fu. 1983, p. 99. Segundo esse autor, um espaço “transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (p. 151).

5 Trabalho apresentado, em 2004, na cidade de Paraty, Rio de Janeiro, em sessão pública intitulada “Lirismo das Águas”, durante o *Colóquio de Estudos Inter-Culturais*, no âmbito do projeto “Poética da Urbanidade”, pelos 450 anos de São Paulo e patrocinado pela Akademie Brasil-Europa für Kultur-und Wissenschaftswissenschaft/Academia Brasil-Europa de Ciências da Cultura e das Ciências, com sede em Colônia/Alemanha.

Na tradição judaico-cristã a água simboliza, em primeiro lugar, a origem da criação. Quando havia o caos, o Espírito de Deus fluuava sobre as águas⁶. Portanto, “o seu destino é preceder a Criação”⁷.

A água é mãe e matriz, por conseguinte ela é um símbolo materno uma vez que nos liga ao nascimento. “Das Wasser wird in der Natur als ‘Mutter des Lebens’ (Augustinus) wahrgenommen”⁸.

Elemento indispensável para a vida dos homens, dos animais e das plantas, é usada como meio de limpeza física e na purificação cultural e ritual; é fonte de regeneração e de renovação.

A água também tem um simbolismo duplo: é fonte de vida e é fonte de morte, é criadora e é destruidora. Quando agitadas significam “o mal e a desordem”; quando calmas “a paz e a ordem”. Essa dualidade é revelada nas águas de rios que podem ser “correntes benéficas ou dar abrigo a monstros”⁹.

Nelas, portanto, podem habitar os peixes (símbolo do elemento água e, entre outros, do alimento eucarístico) como podem habitar monstros e outros seres fabulosos, criaturas imaginárias à semelhança do homem ou antropomórficas e/ou zoomórficas. Algumas dessas criaturas são legados do Velho Testamento e outras, de culturas do mundo europeu e extra-europeu.

Nas águas que banham a localidade de Nossa Senhora da Guia, segundo os agentes da pesquisa, *vivem* alguns desses seres fabulosos, que eles denominam de *espíritos*.

Os *espíritos* da água referenciados foram: a Mãe d’Água, a Iara, o Caboclo d’Água, o Negrinho d’Água e o Minhocão.

Como seres sobrenaturais empíricos esses *espíritos* são percebidos por um período curto de tempo. Esse é um critério do sobrenatural, o seu desaparecimento súbito, após exercer a sua ação ou com a proximidade de pessoas.

6 *Gênesis*, 1, 2-4.

7 ELIADE, Mircea. S.d., p. 141.

8 “A água, na natureza, é considerada como a ‘Mãe da Vida’ (Agostinho)”. BISPO, Antonio Alexandre. 1993, p. 136.

9 CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. 1990, p. 16-19.

As informações coletadas só determinaram a hora da aparição do Negrinho d'Água, meia-noite. Não houve determinação de horário para as aparições dos demais *espíritos* da água. Entretanto, dados coletados em outras regiões dão conta de seres sobrenaturais que surgem com hora marcada, sempre ao meio-dia ou à meia-noite, que são os momentos exatos de ruptura cíclica, das metades ascendentes e descendentes do dia; do ápice ou culminação do Sol visível e também da hora sem sombra e da ascensão solar ou da “culminação do Sol espiritual”¹⁰. São as horas misteriosas em que acontecem as coisas más, as aparições, as assombrações.

Semelhante à tradição de outros povos, também os moradores da Guia incluem a noção de espíritos como protetores¹¹ das águas (Caboclo d'Água), dos peixes e da água (Mãe d'Água) e as relações familiares, no caso, maternas (Mãe d'Água).

No leito do rio, esses *espíritos* têm como moradia lugares específicos: sobre, sob ou entre pedras, debaixo das canoas dos pescadores, debaixo da ponte e entre a água e a terra, no caso num túnel que se acredita haver entre o rio Coxipó-Açu e a igreja.

Quando em manifestação visível, acima das águas, os *espíritos* adquirem formas¹² características. Essas formas foram descritas como *mulher*, a Mãe d'Água, ora como mulher ora como *moça* e como *sereia*, a Iara, como *homem*, o Caboclo d'Água, como *homem* e/ou como *menino*, o Negrinho d'Água e como *minhoca* ou *cobra gigante*, o Minhocão.

A Iara que, segundo Câmara Cascudo, é o “nome convencional e literário da mãe-d'água, *ig*, água, *iara*, senhor”¹³, embo-

10 GUÉNON, René. 1984, p. 205.

11 Junito de Souza Brandão, ao referir-se ao herói na mitologia clássica, faz a aproximação do termo, herói, héros ao indo-europeu “serva”, da raiz “ser” -, de que provém o avéstico *haurvaiti* “ele guarda” e o latim “servuare, conservar, defender, guardar, velar sobre, ser útil”, donde herói seria o “guardião, o defensor; o que nasceu para servir” (1998, p. 215. Vol. III).

12 “Tudo o que é *forma* se manifesta acima das águas, destacando-se das águas. Em compensação, logo que qualquer *forma* se destaca das águas, deixando por isso de ser virtual, cai sob a alçada da lei do tempo e da vida [...]”. ELIADE, Mircea. 1993, p. 173.

13 CASCUDO, Luis da Câmara. 1972, p. 429. Vol. I.

ra referenciada separadamente da Mãe-d'Água alguns dos informantes identificam as duas como sendo o mesmo ser.

Alguns atributos, entretanto, são referenciados para uma e não para a outra. A Mãe-d'Água, por exemplo, aparece como um ser silente, não é o caso da Iara, que como as sereias de Ulisses ou da Loreley¹⁴ do rio Reno, é audível. A Iara possui o dom da música, pois *canta* para *encantar o pescador*. Quem a ouve é o pescador que, com o seu “ouvido simbólico”¹⁵, é capaz de perceber o seu canto e a diferenciá-lo do canto das águas. E em ouvindo-a é atraído e seduzido, para ser levado para o fundo das águas.

Outro atributo da Iara é a beleza de seu rosto. Característica essa que chama a atenção dos homens, entretanto, aqueles que se aventurarem a olhá-la são transformados em *estátua* ou ficam *mudos*. Em outra versão ela *cega as pessoas* que a olham. E aqui, mais que Ulisses, o homem precisa dobrar os sentidos para “fugir das ilusões da paixão”¹⁶.

A Iara, como as sereias de outras culturas, portanto, configura-se como um símbolo da ilusão.

Um dos agentes da pesquisa referiu-se à ação da Iara como sendo a de *chupar cana* (cana-de-açúcar). Este dado é significativo, levando-se em conta que o orixá Oxun, protetora e deusa das

14 Loreley, na Alemanha, tem morada simbólica num penhasco junto ao rio Reno. Na Escandinávia, *Lorday* é um ser relacionado com os gigantes ou força da natureza e cuja chama é o símbolo da ilusão, sendo, por sua vez, o espírito do engano. Na Alemanha, o espírito da água, recebe, ainda, o nome de “Nixe”, tendo a forma de uma bela mulher, da cintura para cima e de um peixe da cintura para baixo. Dizem alguns que ela atrai ou puxa pessoas para o fundo das águas, outros que salva marinheiros do afogamento. Em inglês distingue-se a sereia clássica, *sirenen*, metade do corpo para cima mulher e, para baixo, ave marinha das que tem cauda de peixe, *mermaids*.

15 O termo “ouvido simbólico” foi tomado de René Alleau, como sendo aquele que consegue “perceber as vibrações harmônicas e, de certa forma, *adivinhar uma música do universo*”. Para tanto, não é preciso “apenas intuição, mas também um sentido inato de analogia, um dom que pode ser desenvolvido pelo exercício, mas não se adquire. Há um ‘ouvido simbólico’, tal como há um ‘ouvido musical’, que é parcialmente independente do grau de evolução cultural dos indivíduos”. O autor acrescenta que o “ouvido simbólico” dos primitivos, embora provavelmente inato tal como o faro dos cães de caça, desenvolveu-se e apurou-se através do exercício das suas funções”. ALLEAU, René. 1982, p. 11 e 12.

16 CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. 1990, p. 814.

fontes e dos regatos no candomblé da Bahia, entre outros gostos alimentares, “chupa cana”¹⁷.

Outra característica desse *espírito* é a meio-humana e meio-peixe. A Iara tem um apêndice caudal, *rabo de peixe*.

Contudo, há quem afirme que a Iara, sereia, ao migrar para fora da água, perde esse atributo e passa a ter *pernas normais* (característica representada no quadro “Ulisses and the sirens”, do pintor inglês Herbert Draper, 1863-1929). Nessa perspectiva, revestindo-se de seu vínculo social, adquire atributos verdadeiramente humanos, de um ser feminino, como são femininas as águas de onde provem.

Ao referir-se à alegoria da sereia, meio-humana e meio-peixe, Antonio Bispo nos diz que ela é antiga e não provem apenas da mitologia grega, mas também da difusão de tradições bíblicas mencionadas em fontes gnósticas. “Als ‘Sirenen’ werden u.a. die biblischen ‘Menschenstöchter’ des Kain-Geschlechtes aufgefasst, mit denen sich die Sethiten vermischten (Gn 1,6)”¹⁸. No capítulo XIX do livro de Enoch as sereias são transformações das mulheres seduzidas pelos anjos caídos¹⁹. As sereias do mar também são invocadas por Baruch, em seu lamento²⁰.

Essa característica antropozoomórfica, meio mulher meio peixe, nos dados coletados, não foi atribuída à Mãe-d’Água.

Para a Mãe-d’Água os dados, além de indicarem-na silenciosa, advertem que sua ação consiste em *assustar as pessoas*.

Como figura é antagônica a Iara, uma vez que foi referenciada sem nenhum atributo de beleza ou sedução, é *muito feia e cabeluda*²¹. Essa característica da feiúra pode ser decepcionante como o foi para Cristóvão Colombo que, em 8 de janeiro de

17 CARNEIRO, Edson. S.d, 81-2.

18 “Como Sereias são, entre outras, consideradas as bíblicas ‘Filhas dos Homens’ da geração de Caim, com as quais se misturaram os Setítas”. BISPO, A. A. 1993, p. 132.

19 Livro de Enoch. *Bíblia Apócrifa III: os proscritos da Bíblia*. 1995, p. 129.

20 Livro de Baruch. Idem. p. 307.

21 A Mãe-d’Água do rio São Francisco aparece como “muito feia”. LIMA, Noraldino. *No Vale das Maravilhas*. Belo Horizonte, 1925. In: CASCUDO, Luis da Câmara 1976. p. 127.

1492, viu o rosto de três sereias quando pularam fora do mar, e ele constatou que “não eram tão belas como pensara”²². Dados coletados em outras regiões do Estado de Mato Grosso, entretanto, atribuem uma grande beleza à Mãe-d’Água, em especial quando relacionada a deusas de cultos afro-brasileiros ou a santas católicas (Iemanjá, Nossa Senhora da Conceição).

A correspondência entre Mãe-d’Água, Iara, Yemanjá, Maia, Maja, Janaína, Diana, Xana é demonstrada pelo Dr. Antonio Bispo em “Grundlagem Christlicher Musikkultur in der Aussereuropäischen Welt der Neuzeit”.

Em outra versão, a Mãe-d’Água foi referenciada como uma mulher com corpo diáfano, *em forma de água*, que tem como habitat além do rio também as águas paradas.

Câmara Cascudo afirma: “Nenhum cronista do Brasil colonial registra a Mãe-d’água como sereia, atraindo pelo canto ou simplesmente transformada em mulher. É sempre o Ipupiara, feroz, faminto e bruto”. Como “moça bonita do cabelo louro e olho azul” cantando, a figura só aparece na segunda metade do século XIX e “mais intensamente depois da reação romântica que se iniciou pelo indigenialismo transfigurador de Gonçalves Dias”²³.

O mesmo autor acrescenta: “Mães-d’Água, Iaras [...] são somas de estórias da Europa e África convergidas para objetos que despertaram a curiosidade pela anormalidade dos costumes [...]. O Ipupiara passou a Mãe-d’Água. [...] A Iara é europeia”²⁴.

O Caboclo d’Água ou Nego d’Água é considerado como

22 MELLO E SOUZA, Laura de. 1986, p. 50.

23 CASCUDO Luis da Câmara. 1972. p. 515, v. 1.

24 Idem. 1976. p. 141. Encontra-se em Gandavo o relato de como um “Hipupiara, demônio d’água, teria sido morto na província de São Vicente no ano de 1564. Esse monstro “Era quinze palmos de comprido e semeado de cabellos pelo corpo, e no focinho tinha humas sedas mui grandes como bigodes”. GANDAVO, Pero de Magalhães. 1980, p. 199-120. Também em Fernando Cardim, *Tratado da Terra e Gente do Brasil*, encontra-se: “Esses homens marinhos se chamam na língua Igpuiara; têm-lhes os naturais tão grande medo que só de cuidarem nele morrem muitos e nenhum que os vê escapa. (...) Parecem-se com homens propriamente, de boa estatura, mas têm os olhos encovados. (...) Acham-se esses monstros na barra dos rios doces”. Cit. NAVARRO, Eduardo de Almeida. 1998, p. 187.

protetor do rio. Ele *assusta as pessoas e rouba os peixes dos pescadores*. Outras formas de atuação não lhe foram imputadas.

O Negrinho d'Água, nas narrativas, aparece como um “trickster”²⁵. É brincalhão, *só gosta de brincar e não faz mal a ninguém*. Suas ações, entretanto, podem ser consideradas como malfeitos. Ele vira as canoas dos pescadores, principalmente quando estes atravessam o rio *fazendo barulho; puxa, dá nó ou põe enrosco na linha do anzol; faz bolhas na água com o intuito único de assustar os pescadores*. Dele contam *que é um menino negro que mora na água. Dizem que foi um escravo morto na água. Costuma assustar os pescadores à meia-noite*. A concepção de mortes por afogamento não causa estranhamento nas crenças em espíritos da água, elas estão difundidas entre muitos povos.

Pode-se dizer que esses seres, embora acintosos para o homem, agem de modo positivo para com o ambiente aquático.

Entretanto, mais negativas e perigosas são as formas de agir do Minhocão. É ele o mais famoso e temido ser sobrenatural da Baixada Cuiabana e das comunidades ribeirinhas²⁶. Essa criatura, descrita como *minhoca* ou *cobra gigante*²⁷, a exemplo da Cobra-Grande do Amazonas e de outras serpentes aquáticas encon-

25 “O termo *trickster*, empregado originalmente para nomear um restrito número de ‘heróis trapaceiros’ presentes na tradição mítica de grupos indígenas norte-americanos, designa hoje um conjunto de personagens semelhantes, de que se tem notícias em diversas culturas. De modo geral, ele é o ‘herói embusteiro’, cômico, pregador de peças, protagonista de façanhas que podem estar situadas, dependendo das narrativas, num passado mítico ou no tempo presente”. QUEIROZ, Renato da Silva. 1987, p. 27.

26 Na literatura regional alude-se com frequência ao Minhocão do Pari, rio afluente do Cuiabá.

27 No século XVI, conta Afonso de E. Taunay, o aventureiro alemão Ulrico Schmidel relatava a existência, nos rios da Prata e do Paraguai, de “tremendas serpes anfíbias cujos antros eram o fundo do rio”. Também no rio Tietê povoavam monstros que causavam pavor aos navegantes. “A serpente tietense, conta-nos o soldado teuto, media nada menos de uma braça de diâmetro! [...] A minhocões imensos também se refere o bom Juzarte. Gravemente alude aos perigos do ‘passo de Pirataraca’, a jusante do salto de Avanhadava, ‘grande estirão de rio morto’, muito fundo e de águas negras, ‘muito fúnebre e triste de que os antigos temiam muito porque diziam que ali havia um grande bicho’”. (1981, p. 90). Essa última citação o autor refere-se ao “Diário da Navegação do Rio Tietê, Rio Grande, Paraná e Rio Guatemí”, escrito em 1769 pelo sargento-mor Theotônio José Juzarte e constante da obra de Taunay, às páginas 233 a 292.

tradas em diversas culturas²⁸, é o mal das águas e do homem. Considerado como um *espírito mau*, é o causador dos processos erosivos das margens do rio, na linguagem local é ele *que derruba os barrancos do rio*, provoca os *redemoinhos* e as águas agitadas²⁹. Essas performances ocorrem principalmente quando ele *antipatiza* com alguma pessoa. Além disso, o Minhocão *emborca a canoa dos pescadores, tragando pescadores e a pesca*, e é devorador, pois *mata e come gente, pescador e criança*.

Não surpreende que histórias sobre o Minhocão sejam contadas para assustar crianças que vão próximo à água ou mesmo longe dela. Como no relato de uma professora que, moradora nas proximidades do rio Cuiabá, na capital do Estado, quando pequenina ia sozinha à escola e sua mãe recomendava-lhe não passar por determinado lugar: um terreno baldio coberto de mato, no qual havia uma trilha, e cujo trajeto encurtava o caminho para a escola, porque ali *vivia* o Minhocão.

O reconhecimento de que esse espírito da água *mata e come* e/ou *leva ou puxa (suga)* as pessoas para o fundo da água é um

28 Serpentes e/ou cobras d'água são encontradas não só em mitos cosmogônicos, que desvendam a criação do mundo, como em mitologias diversas da grande maioria dos povos e com variedades de significados simbólicos.

Na Índia e em outras regiões “Uma serpente ou um gênio-serpente encontra-se sempre nas imediações das águas ou estas são reguladas por eles; são gênios protetores das fontes de vida, da imortalidade, da santidade, assim como de todos os símbolos que se acham em ligação com a vida, com a fecundidade, com o heroísmo, com a imortalidade e com os ‘tesouro’”. ELIADE, Mircea. 1993, p. 171.

29 Em pesquisa realizada no Pantanal do município de Barão de Melgaço, junto à baía de Chacororé, LEITE, Mario Cezar Silva, conta que não colheu, ali, relato algum sobre o Minhocão. Entretanto, afirma: “Parece-me claro que ele esteja, de algum modo, presente e incorporado às possíveis formas-serpentes nesta região do Pantanal. [...] o Minhocão, para os pantaneiros, é sempre o Bicho d'água no sentido estrito do termo ou o Fuça-fuça. Minhocão, Bicho d'água e Fuça-fuça são o mesmo ser. Nenhum dos relatos recolhidos por mim, para esta pesquisa, faz referência ao Minhocão na baía de Chacororé. É muito comum na região apontarem sua presença no rio e afirmam que não o viram, mas já o viram fuçar. Ou seja, de algum modo ele também incorpora uma espécie de materialidade, pois revolve, fuça, nas areias e barrancos do rio”. (2003, p. 92). No Pantanal do Estado de Mato Grosso do Sul, mais precisamente na região de Corumbá, FERNANDES, Frederico Augusto Garcia colheu relatos que dão conta de que o Minhocão é o “responsável por atacar embarcações, mudar o curso dos rios e, por conseguinte, proteger o seu meio de qualquer transformação que o homem queira fazer. Aparece geralmente em águas correntes, em cor preta, e de tamanho grande, com a cabeça de cachorro ou de porco”. (2002, p. 154, nota de rodapé).

método didático da cultura tradicional que foi e continua a ser aplicado na região e persiste no tempo e no espaço, ou seja, nas regiões ribeirinhas da cuiabania.

Além disso, como o Minhocão é um *sugador de sangue animal e humano*, o seu aparecimento está associado à convicção de que *todo ano deve-se jogar um animal no lugar onde ele mora*. Esse rito sacrificatório e propiciatório está ligado à idéia, muito antiga, da necessidade de sacrifício às águas fluviais. O oferecimento de um animal ao Minhocão tem um papel significante e está relacionado à sorte e a um rito que previne acidentes na água. É ligado, portanto, à magia preventiva.

O Minhocão, além de sugador de sangue, também *suga ou chupa as pessoas pela sombra*.

Simbolicamente, quando o homem perde a sombra perde a sua alma. São símbolos freqüentes da sombra a serpente e o dragão, sendo que ambos têm a mesma identidade³⁰.

Sua forma representativa é a cobra, serpente, um animal ctônico por excelência e ponte entre o mundo de baixo, ctônio, e o mundo de cima³¹. É também imagem do pecado e da morte³² e “simboliza o Caos, o amorfo, o não-manifestado”³³. A serpente “tem significações múltiplas, e entre as mais importantes convém

30 LURKER, Manfred. 1997, p. 688-89. Também em CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. 1990, p. 349 e 547. São animais símbolos da água, segundo ELIADE, “os dragões, as serpentes, as conchas, os delfins, os peixes [...]” Na China “O dragão e a serpente são, segundo Tchuang-Tseu, o símbolo da vida rítmica, porque o dragão representa o espírito das águas, cuja harmoniosa ondulação alimenta a vida e torna possível a civilização [...] Os gênios-serpentes não residem sempre nos oceanos e nos mares, mas também nos lagos, nos poços e nas nascentes. Os cultos das serpentes e dos gênios das serpentes, na Índia e em outras regiões, mantêm, em todos os conjuntos em que se encontram, esta ligação mágico-religiosa com as águas. Uma serpente ou um gênio serpente encontra-se sempre nas imediações das águas ou estas são reguladas por eles; são gênios protetores das fontes de vida, da imortalidade, da santidade, assim como de todos os símbolos que se acham em ligação com a vida, com a fecundidade, com o heroísmo, com a imortalidade e com os ‘tesouros’”. (1993, p. 168-9 e 171). Lembrando ainda que, no tantrismo indiano, “a serpente da *kundalini* simboliza as energias espirituais regeneradoras”. RONECKER, Jean-Paul. 1997, p. 27.

31 BRANDÃO, Junito de Souza. 1998. v. I, p. 60.

32 *Gênesis*, 3.

33 ELIADE, Mircea. s/d., p. 67.

considerar a sua ‘regeneração’. A serpente é um animal que se ‘transforma’³⁴. Sua representação como minhoca, um verme, tem significado semelhante: a transição, da terra à luz, da morte à vida, do estado larvário ao vôo da vida. Transição é sinônimo de passagem ou caminho e, num lugar desses, mais precisamente, num túnel³⁵ é que *vive* o Minhocão. Esse túnel³⁶, dizem os moradores do lugar, liga a igreja (terra-céu) ao rio (águas)³⁷. Encontra-se aqui a sua ligação com fenômenos religiosos, ou seja, ao caminho da iniciação, da luz, da vida, porquanto o Minhocão foi o único espírito da água referenciado como aquele que, entre outras ações, *testa a fé das pessoas*³⁸.

O Minhocão como um *espírito* atuante entre as trevas e a

34 ELIADE, Mircea. 1993, p. 138-9.

35 “O túnel é o símbolo de todas as travessias obscuras, inquietas, dolorosas que podem desembocar em outra vida. Daí a extensão do símbolo à matriz e à vagina da mãe, a via iniciática do recém-nascido”. CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. 1990. p. 916.

36 A história oral do lugar diz haver um túnel ligando a igreja ao rio por onde os negros, no período da escravidão, fugiam. Até o presente, nenhum agente da pesquisa soube precisar se esse túnel é o mesmo da morada do Minhocão.

37 Também em Itapetininga, Estado de São Paulo, “Na lagoa Silvânia havia uma serpente gigantesca, que tinha o rabo em baixo do altar da igreja matriz de Nossa Senhora dos Prazeres. Acreditava-se que quando se mexesse a cidade acabaria. Ela vivia dormindo e as crianças não deveriam fazer barulho, porque caso contrário acordaria e todas morreriam”. LIMA, Rossini Tavares de. 1971, p. 130. Compare-se esse relato com o relato de moradora da localidade da Guia à Maria Aparecida Pagliarini da Silva, transcrito neste trabalho em nota de rodapé, número 39.

38 A relação entre a fé religiosa, a serpente e o Caos através de um possível futuro Dilúvio, foi narrado por moradora do local em tela à e transcrito por Maria Aparecida Pagliarini da Silva da seguinte forma: “*É assim, assunto bem direitinho. Então, quando eu entendi por gente, eu ouvi de umas pessoas dizendo pra mim, que há tempo, há muito tempo, o povo era todo inocente, Nossa Senhora da Guia conversava com a gente, Senhor Bom Jesus conversava com a gente, tudo eles conversavam com a gente, porque o povo era tão simples. Então ela dizia que o dia que fecha as porta da igreja e o povo dissé na porta dela que nunca mais irá lá, quem tive do outro lado do rio Coxipó tá livre, quem tive pro lado de cá, só basta Nossa Senhora da Guia afasta o pé da serpente, em trinta segundos este mundo aqui é céu e água, não existe mais ninguém, o povo todo é comido da serpente, de Guia até o fim da Lavrinha. Então, a serpente devora. Quem tive pro outro lado da ponte, tá livre, mas quem tive pro lado de cá, tá comido da serpente, até o fim da Lavrinha que é Rossio de Nossa Senhora da Guia, que ela manda nele e comanda, tudo quem mora dentro, pro lado de cá, é filho de Nossa Senhora da Guia. Nossa Senhora tem o pé direito assentado na cabeça dela, é só ela tira o pé, nós é comido, criatura. Nós não é ninguém, nós num somos nada em cima dessa terra*”. (D^o Eloísa). SILVA, Maria Aparecida Pagliarini da. 1997, p. 167-8. Segundo a mesma autora o termo “Rossio (rocio) refere-se à área que está sob a proteção e ‘governo’ de Nossa Senhora da Guia” (rodapé, p. 167). Observa-se: na representação de santa Margarida, ou santa

luz é correspondente à personificação do caos e ao Leviatã criado por Deus e mantido vivo para que, algum dia, sirva de alento aos venturosos de espírito.

Por conseguinte, aos incrédulos que porventura venham a deparar-se com esse ser sobrenatural urge a renovação, ou seja, o restabelecimento da fé religiosa esquecida.

A tradição dos espíritos da água e os fenômenos religiosos encontram-se igualmente representados enquanto seres guardiões e protetores dos peixes, da água e que são pertinentes ao ecotipo dos pescadores e das populações ribeirinhas.

A função pedagógica desses mitos tem a finalidade de manter as crianças longe dos leitos dos rios e/ou córregos, e assim prevenir contra o afogamento e outros acidentes na água e de motivá-las nas questões atinentes à fé religiosa.

Para os ribeirinhos, o “rio tem um falar”³⁹ que só eles decodificam porque têm olhos e ouvidos “simbólicos” e, de todas as lições que tiram de suas águas mais claras de Rio Acima, eles atribuem não só à Iara, à Mãe d’Água, ao Caboclo d’Água, ao Neguinho d’Água, ao Minhocão, mas, também, a *espíritos de índios*, antigos habitantes do lugar e ancestrais de alguns moradores de hoje que, acreditam eles, permanecem nas suas margens *protegendo* o rio – a despeito do Minhocão. E enquanto aí permanecerem e atuantes, as águas continuarão a fluir limpas e claras, cheias de vida.

Referências bibliográficas

ALLEAU, René. **A Ciência dos Símbolos**. Lisboa: Edições 70, 1982. 273p. (Coleção Esfinge, n. 44).

Margaret, da Antioquia, ela tem sob seu pé esquerdo a figura de um dragão. Conta-se que, torturada a fogo e água, “na noite que precedeu ao último interrogatório perante o juiz, apareceu-lhe o demônio em forma de um dragão que respirava fogo. Margarida venceu a tentação; fez o sinal da cruz sobre o monstro, agrilhou-o e cantou o verso do Salmo 90: ‘Sobre o áspide e basilisco andarás, e calcarás aos pés o leão e o dragão’”. LEHMANN, João Batista. 1959. II volume, p. 74-76.

39 BACHELARD, Gaston. 1997.

BÍBLIA, Apócrifos. **Apócrifos**: os proscritos da Bíblia. São Paulo: Mercury, 1995. 351p. v. III.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1952. 1188p. il.

_____. (Coord. L. Garmus). Petrópolis: Vozes; Santuário, 1982. 1563p. il.

BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 202p.

BISPO, Antonio Alexandre. “Christliche Musikanthropologie eine Einführung.” In: **Musices Aptatio, Líber Annuarius - 1992-93**. Roma: Consociatio Internationalis Musicae Sacrae. 377p.

_____. “Grundlagem Christlicher Musikkultur in der Aussereuropäischen Welt der Neuzeit: der Raum des früheren portugiesischen Patronatsrecht”. In: **Musices Aptatio, Líber Annuarius – 1987-88**. Roma: Consociatio Internationalis Musicae Sacrae, 2 volumes. 1.020p.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 1998. Vol. I, 405p.

_____. **Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 1998. v. III, 407p. il.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Brasília: Instituto Brasileiro do Livro/Ministério da Cultura, 1972. 2 vols. il.

_____. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1976. 345p. (Col. Documentos Brasileiros, n. 52).

CARNEIRO, Edson. **Candomblés da Bahia**. São Paulo: EdiOuro, s/d. 191p.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990. 996p. il.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 479p.

_____. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. Lisboa: Edi-

ção Livros do Brasil, s.d. 295p. (Col. Vida e Cultura, nº 62).

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Entre Histórias e Tererés:** o ouvir da literatura pantaneira. São Paulo: Editora UNESP, 2002. 374p. il.

GANDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil História da Província Santa Cruz.** São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. 150p. (Reconquista do Brasil; nova série; v. 12).

GUÉNON, René. **Os Símbolos da Ciência Sagrada:** a importância dos símbolos na transmissão dos ensinamentos doutrinários de ordem tradicional. São Paulo: Pensamento, 1984. 407p. il.

HAUG, Martha Johanna. **Crença, Magia, Sobrevivência e Liberdade:** garimpeiros e garimpos artesanais em Mato Grosso – Brasil. Colônia/Alemanha: Akademie Brasil-Europa für Kultur-und Wissenschaftswissenschaft, 2004. 186p.

JAGER, Werner. **Paidéia:** a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 1413p.

LEITE, Mário Cezar Silva. **Águas Encantadas de Chacororé:** natureza, cultura, paisagens e mitos do Pantanal. Cuiabá: Cathedral UNICEN Publicações, 2003. 156p. (Col. Tibanaré de Estudos Mato-grossenses; v. 4).

LEHMANN, João Batista. **Na Luz Perpétua:** leituras da Vida dos Santos de Deus, para todos os dias do ano, apresentados ao povo cristão. Juiz de Fora: Lar Católico, 1959. II Volume, 680p. il.

LURKER, Manfred. **Dicionário de Simbologia.** São Paulo: Martins Fontes, 1997. 776p.

LIMA, Rossini Tavares de. **Folclore das Festas Cíclicas.** São Paulo: Irmãos Vitale, 1971. 187p. il.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil.** São Paulo: Summus; Brasília: INL. 1979, 119p. (Novas buscas em educação; v. 3).

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **São Paulo nos Tempos Coloniais.** Tra-

dução de Leopoldo Pereira. Belo Horizonte, 1921. s.d. 234p.

SILVA, Maria Aparecida Pagliarini da. **Meio Ambiente, Educação e Flora Local**: saber e fazer em Nossa Senhora da Guia, Mato Grosso. Cuiabá: Instituto de Educação/UFMT, 1997. 180p. il. (Dissertação de Mestrado na linha de pesquisa: Educação e Meio Ambiente).

QUEIROZ, Renato da Silva. **Um Mito Bem Brasileiro**: estudo antropológico sobre o Saci. São Paulo: Polis, 1987. 137p. il.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Método Moderno de Tupi Antigo**: a língua do Brasil dos primeiros séculos. Petrópolis: Vozes; São Paulo: FIESP/CIESP, 1998. 619p. il.

RONECKER, Jean-Paul. **O Simbolismo Animal**: mitos, crenças, lendas, arquetipos, folclore, imaginário. São Paulo: Paulus, 1997. 389p. il.

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. 396p.

TAUNAY, Afonso de E. **Relatos Monçoeiros**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981. 295p. il. (Reconquista do Brasil; nova série; v. 33).